

Os monoteístas no mundo contemporâneo: judeus, cristãos e muçulmanos

Cristine Fortes Lia*

Roberto Radunz**

Resumo. Este estudo centra-se na análise das abordagens sobre as religiões monoteístas e suas interações com as sociedades contemporâneas. As diversas práticas e trajetórias de judeus, cristãos e muçulmanos, em especial, no Brasil, permitem, entre outros aspectos, identificar a contribuição dos diferentes grupos imigrantes na formação da religiosidade e da identidade do povo brasileiro. Desta forma, a importância das manifestações de religiosidade no mundo contemporâneo, não se limita as práticas de fé, mas atinge todos os níveis de relações sociais, consolidando identidades e promovendo espaços de manifestações culturais. Uma ampla compreensão da contemporaneidade necessita de abordagens que enfoquem os processos religiosos e suas manifestações. Os conflitos recentes, as organizações culturais, as relações com o Estado, as manifestações literárias são também demonstrações de devoção ao judaísmo, cristianismo e/ou muçulmanos.

Palavras-chave: religiões, contemporaneidade, judeus, muçulmanos, cristãos

Monotheists in a contemporary world: Jews, Christians, and Moslems

Abstract. This study is focused on the analysis of approaches on monotheist religions and their interactions with contemporary society. The several practices and paths of Jews, Christians and Moslems, especially in Brazil, allow us to identify the contributions of the different immigrant groups in shaping the religiosity and identity of the Brazilian people. Thus the importance of religion manifestations in contemporary world is not limited to practices of faith, but it rather reaches all levels of social relations, consolidating identities and promoting spaces of cultural manifestations. A vast understanding of contemporaneity needs approaches that focus on religious processes and their manifestations. Recent conflicts, cultural organizations, relations with the government, literary manifestations are also demonstrations of devotion to Judaism, Christianity, and/or moslems.

Keywords: Religions. Contemporaneity. Jews. Moslems. Christians.

As religiões e religiosidades e os estudos acadêmicos

Em meados do século XX, com a crescente secularização da sociedade, apostava-se na ideia de que os anos 2000 representariam um período de ateísmo¹.

* Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Professora e pesquisadora na Universidade de Caxias do Sul – UCS. Atua nas áreas de História Antiga e História das Religiões, com ênfase de pesquisa sobre o Judaísmo, a imigração judaica e o ensino das religiões. E-mail: crisflia@bol.com.br

** Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Professor e pesquisador na Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC e na Universidade de Caxias do Sul – UCS. Atua nas áreas de História Contemporânea e História do Brasil, com ênfase de pesquisa em religiosidades, imigração e luteranismo. E-mail: rradunz@ucs.br

¹ Este texto é resultado das discussões realizadas no Simpósio Temático “Religiões monoteístas no mundo contemporâneo: judaísmo, cristianismo e islamismo”, apresentado no IV Encontro Nacional do GT

Imaginava-se o sucessivo desaparecimento das crenças religiosas e a consolidação de uma matriz social explicativa totalmente laica. Além disso, acreditava-se que as devoções de fé de caráter formal cederiam lugar às práticas de espiritualidade mais flexíveis, mais direcionadas ao poder do espírito humano diante da vida, sem a intervenção de dogmas de Igrejas institucionalizadas. Pautados por esta expectativa, os estudos acadêmicos, em especial os brasileiros, abandonaram a abordagem da história das religiões, por ser considerado um tema menor; algo sem relevância em uma sociedade que priorizava a “ciência”. A religiosidade deixou de ser, por muito tempo, um viés explicativo dos fenômenos sociais.

No entanto, a objetividade laica “pressagiada” não se confirmou. O século XXI, ao invés de desconstruir as crenças, se apresentou como um período no qual diversos acontecimentos precisam ser explicados através da compreensão da dinâmica de determinadas vertentes religiosas. Os acontecimentos de 11 de setembro de 2001, no exato primeiro ano dos anos 2000, não deixaram dúvidas de que era necessário um conhecimento mais amplo do universo religioso para uma reflexão sobre a ordem mundial. Mesmo antes dos atentados as “Torres Gêmeas”, era possível perceber que a escalada da secularização era uma ideia que não se efetivaria na prática. Bem como, também é perceptível a permanência das instituições religiosas e seus dogmatismos, com, inclusive, a retomada de tendências fundamentalistas.

Os conflitos mundiais na atualidade passam pela religião. Basta ver o radicalismo islâmico contra o Ocidente, sem falar nas lutas fratricidas entre sunitas e xiitas nos países muçulmanos. O famoso 11 de setembro tem a ver com a religião [...] o fator religião parece cada vez mais vivo. Sem estudá-lo, sem levá-lo a sério, torna-se impossível compreender os grandes conflitos da atualidade e do passado. (VAINFAS, 2012, p. 23)

Obviamente, o mundo contemporâneo é secularizado. Nas sociedades ocidentais existe uma ingerência relativa das questões religiosas nas decisões políticas. No entanto, nas últimas décadas, tornou-se inquestionável a abordagem de temas da história das religiões para a análise da contemporaneidade. No caso de estudos realizados no Brasil, percebe-se um vácuo de período no qual não eram realizadas abordagens de questões sociais sob o prisma das religiosidades, o que revela um atraso acadêmico com relação

Religiões e Religiosidades “Memórias e Narrativas”, coordenado pelos autores. Destaca-se as contribuições dos participantes do referido simpósio: Eliezer Serra Braga, Andréa Bernardes de Tassis Ribeiro, Agamedes Leite Fonseca, João Eduardo Pinto Basto Lupi, Michel Bossone, Ana Paula Ody Batista, Jéssica Pereira da Costa, Daniel Cattaneo Pedrosa e Olgário Paulo Vogt.

ao tema, já que na Europa e nos EUA, quanto mais a sociedade se secularizava, mais atenção era dada a estudos sobre as religiões. Dessa forma, os estudos brasileiros apresentam mais de um século de defasagem com relação aos realizados no continente europeu, no qual, desde meados do século XIX, foram desenvolvidas pesquisas sobre o tema.

Em decorrência disto, é possível evidenciar que a historiografia brasileira recente vem produzindo análises dos processos religiosos e seus impactos nas diferentes formações sociais, através da reprodução de conceitos, em especial, da antropologia, da filosofia e da sociologia, áreas do conhecimento que acabaram concentrando os estudos sobre o tema. As pesquisas recentes, que buscam redimensionar a importância das referências religiosas para a interpretação das diferentes trajetórias históricas, ainda evidenciam a ausência de uma dinâmica conceitual própria. O campo da história produziu muito pouco, em nível conceitual, sobre as abordagens religiosas. A pesquisa histórica sobre as religiosidades constitui atualmente um fértil campo de análises para os historiadores, que ainda tem muito a construir e a abordar. “Múltipla, densa e intrigante, a teia que liga as diversas religiões às diferentes e possíveis formas de religiosidades tem demonstrado ser um campo fértil para continuadas reflexões teórico-metodológicas e futuras investigações historiográficas”. (HERMANN, 1997, p. 352).

Por outro lado, é possível identificar um lamentável afastamento entre o que vem sendo produzido pela academia e o que vem sendo ensinado nas salas de aula sobre o tema religião e religiosidades. O permanente abismo academia *versus* escola torna-se ainda mais sensível quando enfoca uma temática permanentemente abordada de forma dogmática. O ensino transformou a história das religiões em um gueto, em um espaço das compreensões do desnecessário, em um apêndice das explicações sobre as civilizações e suas manifestações culturais. A tendência em confirmar a secularização da sociedade promoveu um afastamento dos temas religiosos, condenados a marginalidade do conhecimento histórico. O conhecimento sobre as religiosidades ficou a cargo de representantes de instituições religiosas, que promovem a reafirmação da fé nos espaços escolares, objetivando a perpetuação de dogmas.

Na área específica de história, o tema das religiosidades aparece na cultura escolar, em especial no livro didático, como parte da História Geral, alinhado cronologicamente com o encadeamento dos períodos estudados. Transparece a ideia de que a vida religiosa nunca ocupou lugar mais destacado na organização das sociedades.

No caso da história do Brasil e da América, a religiosidade é enfocada como parte do exotismo dos indígenas e africanos e dentro dos processos de catequização. Pouco ou nada se fala sobre a religião modelando os comportamentos sociais.

O ensino das religiosidades também apresenta um vocabulário específico para o qual o docente deve estar atento. A compreensão das vertentes religiosas se dá através dos conceitos e expressões linguísticas próprias de suas dinâmicas. Um grave erro é homogeneizar o vocabulário pelo viés do que é de maior lógica para os alunos. Dizer, por exemplo, que os egípcios acreditavam em ressurreição, enquanto ressuscitar é uma expectativa dos monoteístas. Cada vertente religiosa contém um conjunto de conceitos e vocábulos particulares e precisa ser compreendida através dos mesmos, o que permite um estudo para além dos limites da história, pois amplia a compreensão linguística e antropológica dos alunos.

Costumamos chamar de religiões, de fenômenos religiosos, sistemas extremamente complexos, ideias, conceito, e é indispensável marcar diferenças. Reencarnação é diferente de ressurreição; há sistemas religiosos associados a livros sagrados que não possuem tradição escrita; algumas religiões possuem a marca de seus fundadores (por exemplo, Buda, Cristo ou Maomé), enquanto outras são animistas e naturalistas; instituições religiosas com templos, clero, sacramentos coexistem com associações livres, étnicas e tribais variadas. Cada sistema religioso deve ser compreendido e respeitado em sua singularidade. (SILVA, 2010, p. 207-208).

O papel das novas contribuições das pesquisas realizadas pelos historiadores precisa atingir a sala de aula, desde o ensino fundamental até o superior. Pois é através das novas abordagens que será possível redimensionar a importância do ensino da temática, para a compreensão das experiências históricas das diferentes sociedades.

A temática das religiosidades ganha um significativo espaço dentro das experiências do cotidiano. Diariamente inúmeras notícias são divulgadas pela mídia, trazendo conteúdo referente às práticas de fé de determinadas sociedades, sem maiores esclarecimentos a respeito das especificidades características das manifestações religiosas.

Paden (2012, p. 19), problematizando o enquadramento reflexivo da religião afirma que

as chamadas explanações sobre “religião” são em geral tão insatisfatórias: elas deixam de perceber que “religião” não é um objeto, mas uma *palavra* que aponta pra um número infinito de objetos possíveis, cada um deles podendo exigir uma explicação

diferente.

O ambiente acadêmico e escolar, em especial nos estudos de história, precisa se alinhar a esta dinâmica, ampliando as pesquisas sobre o tema, contribuindo para a compreensão da vida social sobre o prisma de um modelo de regras que orienta a trajetória social. Afinal, o próprio termo religião, originário de *religio*, significa o conjunto de regras que liga, organiza um determinado grupo, através de uma ideia de divino.

Os monoteístas na contemporaneidade

Por religiões monoteístas reconhece-se, nesse texto, o Judaísmo, o Cristianismo e o Islã. Como já foi exposto anteriormente, o estudo de história das religiosidades ainda carece de uma base conceitual própria, o que promove a manutenção de ideias obsoletas nas definições de termos para pesquisas. Dessa forma, o conceito de religião ainda se apresenta muito ligado às definições dos grupos monoteístas. Entende-se por religião as crenças professadas por judeus, cristãos e muçulmanos; por serem aquelas que apresentam narrativa de mito criador: uma única divindade, um deus, que criou todas as coisas. Nesse sentido, teriam religião os grupos historicamente monoteístas e, os fiéis de outras crenças, seriam portadores de religiosidades.

Tanto em nível de pesquisa acadêmica como em vivência social, estas definições geram a perspectiva de superioridade cultural dos que creem no monoteísmo, por ser uma experiência religiosa mais elaborada. As demais crenças são analisadas mais do ponto de vista de manifestações culturais do que como formas de organização social. Os estudos acadêmicos, em especial os realizados no Ocidente, priorizam as religiões monoteístas. No Brasil, paralelo a essa produção vinculada em grande medida ao cristianismo, os estudos sobre religiões de matriz africana tem recebido uma atenção bem especial nessas duas últimas décadas.

Um exemplo claro da abrangência e relevância das crenças monoteístas na contemporaneidade está explícita nas produções midiáticas. Aliás, os temas religiosos ganharam significativo espaço, nas últimas décadas, no cinema, na literatura e na programação televisiva. Filmes, livros, seriados e telenovelas ocupam-se em trazer, tanto em caráter considerado científico como meramente ficcional, informações sobre os comportamentos de fiéis de distintas doutrinas. Manifestações de diferentes crenças

ou revelações sobre elas passaram a fazer parte do entretenimento da cultura ocidental.

Pode-se citar como exemplo as obras de Dan Brown, de Simon Cox e de Amy Welborn, que apresentam como proposta causar impacto com revelações sobre a vida terrena de Cristo, que teria sido diferente da narrada pelos Evangelhos que compõem o texto bíblico. Estes textos literários, sendo alguns transformados em filmes, causaram um deslumbre em leitores e espectadores, pois supostamente forneciam respostas a indagações mal resolvidas pela doutrina cristã.

Com um mínimo de conhecimento sobre a trajetória histórica do cristianismo, sabe-se que no Concílio de Nicéia, em 325, vários textos que narravam a vida de Cristo foram negados como legítimos e deixados de fora do texto oficial da Bíblia. Estas narrativas não atendiam as necessidades daquilo que se objetivava construir como cristianismo na época do Concílio. Historicamente não se questiona a veracidade delas, reconhece-se que o apelo de uma construção religiosa² atende a interesses específicos e que algumas coisas serão privilegiadas e outras renegadas.

No entanto, sabe-se de que são múltiplas as narrativas e, portanto, não existe nada de inovador em buscar um texto conhecido e publicizá-lo com ares de descoberta acadêmica. É o que estas obras fazem e atingem um público desinformado e sem conhecimento sobre o assunto. Um estudo sobre a história da religião cristã instrumentaliza a estabelecer uma visão crítica diante dessas publicações alarmistas.

Também “está na moda” uma espécie de banalização das forças do mal. São comuns produções cinematográficas nas quais personagens charmosos e gentis representam criaturas diabólicas. O mal, dentro desta perspectiva, exerce um fascínio maior do que o bem. Demônios elegantes circulam por diversos filmes, reconstruindo uma ideia bastante diferenciada sobre o maniqueísmo pregado dentro das correntes monoteístas. A temática do juízo final, com seus principais agentes, se mantém recorrente no cinema e na televisão, o que revela uma relação íntima com o monoteísmo e suas imagens representativas.

Se existe uma abordagem de elementos de céu e inferno, bem e mal, anjos e demônios, explorada pela mídia e com uma aceitação positiva do público, sob o prisma do entretenimento ou de revelações; por outro lado, foi construída uma linha de pensamento perigosa sobre uma das religiões monoteístas no ocidente – o Islã. Desde o

² Assim como a religião, o cristianismo institucional também é fruto de um empreendimento humano que se estrutura a partir do princípio de plausibilidade. (BERGER, 1995, p. 61)

11 de setembro de 2001, a imprensa ocupou-se em fornecer explicações valendo-se de um arsenal conceitual estranho a matriz muçulmana.

Dentro do conjunto de orientações explicativas sobre o comportamento da comunidade muçulmana, pouco ou quase nada pode ser traduzido como informação sobre a doutrina do Islã. A própria fragilidade conceitual da área no Brasil promove equívocos, como a mistura entre ser muçulmano ou ser islamita. Com um constante reforço por parte da imprensa em evidenciar a periculosidade das crenças em Alá, tornou-se quase impossível para o espectador ou leitor desinformado separar o que é fé do que é ação política. Assim, árabe, muçulmano, Islã, islamismo, islamita e terrorista tornaram-se sinônimos para a sociedade ocidental. Importante ressaltar, superando esse senso comum, que a academia tem procurado referir-se a Islã como religião e islâmico como componente político de ação. Nesse sentido, nem todo o muçulmano é adepto das ações dos grupos islâmicos.

O século XXI, que supostamente seria o período de consagração do ateísmo, com o conseqüente esquecimento das doutrinas de fé, acabou por transformar-se no século das religiões. A mídia destina um espaço significativo para explicar, a sua maneira, o universo religioso, que exprime práticas de entretenimento e lógicas para o entendimento da ordem mundial. Revela, acima de tudo, o interesse de seu público.

O ocidente está interessado em saber das batalhas do bem contra o mal, tanto no universo do divino, como nas estratégias bélicas do mundo terreno. Os estudos acadêmicos precisam aproveitar este rico filão de análise e trazer respostas a esta sociedade que quer conhecer a história e a dinâmica das religiões.

O estudo das religiões monoteístas no Brasil

A historiografia brasileira, em geral, por especificidades da formação cultural do país, produz expressivamente sobre o Cristianismo, em diferentes abordagens, com uma produção mais limitada no que se refere ao Judaísmo e, basicamente, inexpressiva em estudos sobre o Islã. A título de ilustração, uma rápida olhada sobre os artigos publicados pela Revista Brasileira de História das Religiões (RBHR) atesta isso. Nas 12 edições de maio de 2008 a janeiro de 2012 foram reunidos 155 artigos, excetuando-se comunicações e resenhas. Apenas num só artigo aparece, na edição de janeiro de 2009, no seu título, o termo muçulmano relacionado as influências na religião de matriz africana – *Heranças muçulmanas no Nagô de Pernambuco: construindo mitos*

fundadores da religião de matriz africana no Brasil. Quando ao judaísmo, o tema aparece, quer na perspectiva da religiosidade da imigração, quer da religiosidade ibérica, quer nos seus reflexos sobre a religiosidade brasileira em apenas 5 artigos.

Os estudos apresentados na RBHR no que se refere a cristãos num sentido amplo, tendem a se moldar na perspectiva de enquadramento do fenômeno religioso. Paden problematiza essa questão atestando a impossibilidade de se tratar do fenômeno religioso na sua totalidade, ou seja, “significa perceber que determinado enquadramento não engloba o ‘o significado do todo’ ou, em nosso campo atual, o ‘significado da religião’. Significa enfim, interromper ou controlar a febre hegemônica, reducionista e generalizante.” Mais adiante, “quando se trabalha um assunto como a religião, lida-se com fragmentos, características, visões parciais, aspectos, não com totalidades, mesmo quando os chamados aspectos constituem combinações de características”. (PADEN, 2012, p. 19). Fica evidente na produção reunida na Revista o reconhecimento de seus autores da limitação de suas escolhas, ou seja, de seus enquadramentos. A mesma lógica se manifesta nos estudos, por exemplo, das religiões de matriz africana no Brasil, que encontram um espaço privilegiado de difusão na RBHR.

Os estudos clássicos sobre o Cristianismo são os que abordam as questões da formação religiosa do povo brasileiro. Em geral, as análises sobre as manifestações religiosas do Brasil Colonial focam na introdução do Catolicismo na Colônia, bem como, nos processos de conversão, de catequização e de uma transformação cultural através do viés da incorporação da nova vertente religiosa. Esse processo de contato/embate já foram analisados em obras como Bastides (1971) e Vainfas (1995).

As demais religiões e religiosidades presentes no período são vistas em uma análise menor, como elementos de sincretismo religioso; como crenças que acabaram por incorporar subsídios de uma manifestação de fé mais elaborada. Recentemente, a historiografia brasileira vem abrindo um espaço mais privilegiado de discussão para os estudos das múltiplas manifestações de fé existentes desde o século XVI.

As relações de poder do Brasil Império são analisadas, em grande medida, através do enfoque das intervenções da Igreja Católica na política imperial. Além disso, os processos migratórios do século XIX são constituídos por grupos cristãos (o que era privilegiado pelas políticas migratórias do período). O Brasil recebeu, ao longo da sua trajetória histórica, poucas levas de imigrantes que não eram cristãos; o que amplia os

estudos sobre o cristianismo no Brasil. As relações entre diferentes grupos cristãos e as estratégias de manutenção do status de religião oficial pelo catolicismo, constituem assuntos amplamente analisados pela historiografia.

Os estudos sobre o Judaísmo no Brasil estiveram, por um longo período, vinculados ao século XX e foram realizados por membros das comunidades judaicas. Na década de 1980, houve um crescimento das pesquisas que identificavam o Judaísmo no período colonial, através da figura dos cristãos-novos. Estes estudos incentivaram pesquisas na área de genealogia, evidenciando herança judaica em conhecidos nomes da história colonial brasileira. Com estas pesquisas também aconteceu o alargamento sobre a análise da presença judaica (VAINFAS, 2012); motivando uma série de novas pesquisas e publicações sobre o tema dentro de diferentes perspectivas, entre as quais merece destaque a importância da religião judaica no processo imigratório oficial, do início do século XX. O tema do judaísmo ainda permanece com uma abordagem pequena quando comparado aos estudos sobre o cristianismo, conforme referido anteriormente.

Mas, em número absurdamente reduzido encontram-se os estudos sobre o Islã no Brasil. Pouco se pesquisa sobre as questões de natureza religiosa e, da mesma forma, percebe-se a ausência de enfoque sobre as comunidades muçulmanas no território brasileiro. A título de ilustração, os números de trabalhos apresentados como comunicação nas três edições do GT de História das Religiões e Religiosidade referenda essa afirmação. No primeiro encontro, realizado em Maringá – PR em outubro de 2007, nos 13 Simpósios Temáticos, 164 comunicações foram publicadas nos Anais do Evento disponíveis na RBHR. Desses, nenhum deles parece ter tido como foco de análise o Islã. Já na edição posterior do GT, realizado em Franca – SP, em outubro de 2008, foram 80 comunicações. Dessas, um trabalho cujo título é *Islã na França*, analisa os embates religiosos e culturais relativos as migrações na França. No terceiro encontro, realizado em Florianópolis – SC, em outubro de 2010, num universo de 169 comunicações publicadas, dois trabalhos com perspectivas diferentes abordaram a religião muçulmana: *Islã e resistência política no Egito: discurso e ação da sociedade dos irmãos muçulmanos (1928-49)* e *Direitos fundamentais no Islamismo*. Percebe-se que o tema ainda carece de abordagens e precisa ser perspectivado na sociedade brasileira.

Esta fragilidade historiográfica no Brasil permite, entre outras, a permanência dos equívocos promovidos por uma parte da mídia que generaliza – para o qual todos

os árabes são muçulmanos e estes são todos terroristas. Desde o final do século XIX, com expressivo aumento na segunda metade do século XX, em função da fundação do Estado de Israel, existe um movimento migratório dinâmico de muçulmanos, muito pouco evidenciado na historiografia.

Não se pretende realizar um levantamento historiográfico com o que foi esboçado nos parágrafos acima, apenas identificar as aplicações e fragilidades dos estudos historiográficos brasileiros sobre as religiões monoteístas para além do cristianismo, bem como, as possibilidades de abordagens da temática que ainda estão carecendo de pesquisas.

Referências

- ARMSTRONG, Karen. *Uma história de Deus*. São Paulo: Cia das Letras, 2008, 560 p.
- BALTA, Paul (org.) *Islam: civilización y sociedades*. Madrid: Siglo XXI, 2006, 265 p.
- BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil*. São Paulo: Pioneira editora, 1971, 567 p.
- BERGER, Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1995, 195 p.
- BROWN, Dan. *O Código Da Vinci*. Rio de Janeiro: Arqueiro, 2004, 479 p.
- COX, Simon. *O Código Da Vinci decodificado*. Lisboa: Europa-América, 2004, 196 p.
- GOES, Lundenbergue. *ABC do Código Da Vinci*. Rio de Janeiro: Conex, 2006, 368 p.
- HERMANN, Jacqueline. História das religiões e religiosidades. In.: VAINFAS, Ronaldo, CARDOSO, Ciro Flamarion (org.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 329-352
- JANOTTI, Maria de Lourdes Monaco. História, política e ensino. In.: BITTENCOURT, Circe (org.). *O saber histórico na sala de aula*. 11 ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 42 – 53.
- PADEN, William E. O perspectivismo no estudo da religião. In: HUFF JUNIOR, Arnaldo Érico e RODRIGUES, Elisa (org.). *Experiências e interpretações do sagrado*. São Paulo: Paulinas, 2012, 272 p.
- REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/index.html> . Acesso em 20/11/2012.
- SILVA, Eliane Moura da. Estudos de religião para um novo milênio. In.: KARNAL,

Leandro (org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 205 - 215.

VAINFAS, Ronaldo. *A heresia dos índios: catolicismo e rebeldia no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, 275 p.

VAINFAS, Ronaldo. O fator religião parece cada vez mais vivo. *IHU On-Line*. São Leopoldo, Humanitas Unisinos, 2012, n. 407, p. 22 – 23. Disponível em: www.ihu.unisinos.br Acesso em: 30/11/2012.

WELBORN, Amy. *Os mistérios do Código Da Vinci*. São Paulo: Cultrix, 2006, 120 p.

Recebido em 30/11/2012

Aprovado em 10/01/2013